

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

CAIO AMON/DIVULGAÇÃO/IC



Indicada ao Prêmio Shell, montagem solo de Fábio Cuelli aborda a inversão de papéis entre pais e filhos através da manipulação de bonecos, com sessões no Multipalco

ARTES CÊNICAS

Espetáculo *Geppetto* propõe debate sobre finitude

Adriana Lampert
adriana@jornaldocomercio.com.br

Concebido e encenado pelo ator Fábio Cuelli, o espetáculo *Geppetto* (uma coprodução dos grupos gaúchos Máscara EnCena e Miseri Coloni, com patrocínio master da Shell) projeta um olhar sensível sobre a finitude e o cuidado ao propor um desdobramento poético para além do clássico *As Aventuras de Pinóquio: história de uma marionete*, de Carlo Collodi, escrito em 1883. Na peça, sob o texto de Nelson Diniz e a direção cênica de Liane Venturella, o público não assiste à tradicional transição da marionete que se torna menino, mas sim à proposta de um homem adulto, formado em Medicina, que se vê na responsabilidade de amparar o seu criador na velhice e no adoecimento. As sessões ocorrem de sexta-feira a domingo, sempre às 19h, no Teatro Oficina Olga Reverbel do Multipalco Eva Sopher (Riachuelo, 1.089). Os ingressos custam R\$ 30,00 (meia-entrada) e R\$ 60,00 (inteira) e es-

tão disponíveis no site do Teatro São Pedro.

A gênese do espetáculo repousa em uma experiência profundamente pessoal de Cuelli, que durante a pandemia de Covid-19 percebeu sutilmente a transformação de sua própria rotina ao assumir atitudes de cuidado para com os pais. Esse despertar íntimo estimulou o ator a investigar o panorama do envelhecimento no País (buscando compreender como outras famílias reconhecem e lidam com essa inversão de papéis) deparando-se com dados do IBGE que apontam que, até 2070, os idosos representarão quase 40% da população brasileira. Diante de uma sociedade que tende a debater o envelhecimento somente quando a enfermidade se impõe, a montagem surge como um canal coletivo para externalizar uma solidão cotidiana compartilhada tanto por quem cuida quanto por quem é cuidado.

Esse isolamento ganha forma no cenário da peça, uma oficina repleta de ferramentas, argila e

pedaços de madeira. É nesse espaço que o personagem divide o seu tempo entre duas realidades: a precisão técnica da Medicina e a sensibilidade da escultura, usando o trabalho manual para lidar com a iminente partida do pai. Cercado de elementos que remontam à profissão do marionetista, o filho dá vida aos objetos e bonecos para abordar as verdades, mentiras e omissões que atravessam o convívio entre ele e seu criador. Ao se apropriar do ofício do pai, ele busca compreender sua própria identidade, enxergando Geppetto não apenas como o construtor de bonecos, mas como o criador responsável pela formação de sua personalidade.

A atmosfera de cumplicidade familiar e memória afetiva que preenche o espetáculo estende-se para além do texto, manifestando-se nos bastidores através de uma rede de conexões reais e intergeracionais. A cenografia desenhada por Maurício Casiraghi ganha vida com a colaboração de João Luiz Cuelli, pai de Fábio, na construção

das peças, enquanto o texto de Diniz e a direção de Liane carregam as marcas de suas próprias vivências com o cuidado parental. Essa proximidade com a finitude exigiu do ator um rigoroso distanciamento técnico para que a emoção residisse puramente no espectador, garantindo a universalidade da obra, que comove desde adolescentes até adultos que enfrentam o luto ou dilemas de convivência familiar. Elementos cênicos como máscaras, esculturas e um boneco híbrido que representa o próprio Geppetto dão forma tátil às omissões, verdades e mentiras que permeiam as relações consanguíneas, em um processo em que os rostos esculpidos gradualmente ganham animação e autonomia poética.

Essa intimidade ganha contornos históricos e linguísticos por meio do uso do Talian, dialeto que mescla variantes do italiano e o português, nascido com a imigração no nordeste do Rio Grande do Sul a partir de 1875. Reconhecido pelo Iphan e preservado no ambiente doméstico após ter sido

proibido durante a Segunda Guerra Mundial, o idioma é incorporado à peça para sublinhar o espaço reservado e cúmplice partilhado entre pai e filho ao longo de uma vida inteira. A costura desses elementos em um monólogo técnico e sensível, no qual Cuelli manipula bonecos, luz e som simultaneamente, rendeu à produção, que estreou em julho de 2025, os prêmios de Melhor Espetáculo, Melhor Ator e Melhor Dramaturgia no Prêmio Açorianos de Teatro e no Prêmio Olhares da Cena, além de uma indicação inédita como Destaque Nacional no 36º Prêmio Shell de Teatro, marcando a primeira vez que uma produção gaúcha concorre nesta categoria em um ano com quase 200 inscrições.

Para a equipe, que conta ainda com profissionais como Alexandre Borin, Mario de Ballenti, Sandro Martins, Beto Scopel e Vitor Pedroso, os prêmios chancelam a potência de um teatro essencialmente humano, focado em construir uma experiência viva e transformadora com o espectador.